

Uma lista de leitura para a polícia de Délhi que invadiu o escritório do Tricontinental | Carta semanal 41 (2023)



Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em 3 de outubro, residências e escritórios de mais de cem jornalistas e pesquisadores em toda a Índia foram invadidos pela Polícia de Délhi, que está sob a jurisdição do Ministério de Assuntos Internos do país. Durante esse “ato de puro assédio e intimidação”, como o Comitê para a Proteção dos Jornalistas o **qualificou**, a polícia de Délhi invadiu e interrogou a equipe do Tricontinental Research Services (TRS). Com sede em Délhi, a TRS é contratada pelo Instituto Tricontinental de Pesquisa Social para produzir materiais sobre processos relevantes de nosso tempo conforme eles se desenrolam no país mais populoso do mundo, incluindo as lutas de trabalhadores e agricultores, o movimento de mulheres e o movimento para a emancipação da opressão de castas. Os pesquisadores do TRS estariam descumprindo seu dever se ignorassem esses importantes acontecimentos que afetam a vida de centenas de milhões de indianos. No entanto, justamente

por darem foco a questões de importância nacional que despertaram a ira do governo liderado pelo primeiro-ministro Narendra Modi. É possível viver no mundo como uma pessoa de consciência e ignorar as lutas diárias das pessoas?

No final do dia, a polícia de Délhi prendeu Prabir Purkayastha e Amit Chakravarty, ambos do projeto de mídia *NewsClick*.



Durante a invasão do escritório do TRS, a polícia de Délhi apreendeu computadores, telefones e discos rígidos. Espero sinceramente que os investigadores da Polícia local leiam todos os materiais que a equipe do TRS produziu com muito cuidado e interesse. Para que eles não percam nenhum dos textos importantes que a TRS produziu para o Tricontinental, aqui está uma lista de leitura para os agentes:

1. A história de Solapur, Índia, onde as cooperativas habitacionais estão construindo uma cidade de trabalhadores (dossiê n. 6, julho de 2018). Balamani Ambaiyah Mergu, um fabricante de *beedis* (cigarros), disse aos pesquisadores do TRS que costumava “ficar em uma pequena cabana em uma favela em Shastri Nagar, na cidade de Solapur”. Quando chovia, a barraca costumava vazar e não havia um único pedaço seco em seu interior”. Desde 1992, o Centre of Indian Trade Unions [Central de Sindicatos Indianos] (CITU, na sigla em inglês) tem feito campanhas para garantir moradia digna para os trabalhadores dessa cidade na província de Maharashtra. Desde 2001, a CITU tem conseguido garantir fundos do governo para essa finalidade e construir dezenas de milhares de casas, um processo liderado pelos próprios trabalhadores por meio de sociedades cooperativas de habitação. Os trabalhadores construíram “uma cidade somente para a classe trabalhadora”, disse o líder da CITU, Narasayya Adam, ao TRS.

2. *Como Kerala enfrentou o maior dilúvio em quase um século* (dossiê n. 9, outubro de 2018). No verão de 2018, a chuva e a subsequente inundação varreram o estado costeiro de Kerala, no sul do país, afetando 5,4 milhões dos 35 milhões de habitantes do estado. Os pesquisadores do TRS documentaram a fúria da enchente, o trabalho de resgate e socorro de voluntários organizados (em grande parte de formações de esquerda) e a reabilitação do governo da Frente Democrática de Esquerda e de várias organizações sociais.

3. *Os comunistas da Índia e a eleição de 2019: Somente uma alternativa pode derrotar a direita* (dossiê n. 12, janeiro de 2019). Para entender a situação política na Índia no período que antecede as eleições parlamentares de 2019, a equipe do TRS conversou com a líder do Partido Comunista da Índia (Marxista), Brinda Karat. Em vez de limitar sua análise à esfera eleitoral ou política, Karat discutiu os desafios enfrentados pelo país em um nível sociológico: “as culturas promovidas pelo capitalismo e pelo mercado promovem e glorificam o individualismo e propõem soluções individualistas. Tudo isso contribui para a despolitização de toda uma geração de jovens. Esse é certamente um desafio: como encontrar as formas mais eficazes de levar nossa mensagem aos jovens”.

4. *A única resposta é mobilizar os trabalhadores* (dossiê n. 18, julho de 2019). Em abril e maio de 2019, a Aliança Democrática Nacional, liderada pelo Partido Bharatiya Janata, de direita, prevaleceu nas eleições parlamentares da Índia. Após as eleições, a equipe do TRS se reuniu com a presidente do CITU, K. Hemalata, para falar sobre as greves periódicas em massa que vinham ocorrendo no país, incluindo uma greve geral anual de quase 300 milhões de trabalhadores. Enquanto os movimentos da classe trabalhadora em outros países pareciam estar enfraquecidos pelo colapso do emprego formal e pela natureza cada vez mais precária do trabalho, os sindicatos na Índia demonstraram resiliência. Hemalata explicou que “os trabalhadores terceirizados são muito militantes” e que a CITU não faz distinção entre as demandas dos trabalhadores terceirizados e dos permanentes. Um dos melhores exemplos disso, segundo ela, é o *anganwadi* (cuidadoras de crianças), que, juntamente com as trabalhadoras da ativistas sociais de saúde credenciadas, têm estado na linha de frente de muitas das principais mobilizações. Esses dois setores – creche e saúde – são dominados por mulheres. “Organizar as mulheres faz parte da organização da classe trabalhadora”, disse Hemalata ao TRS.

5. *O ataque neoliberal na Índia rural* (dossiê n. 21, outubro de 2019). P. Sainath, um dos mais importantes jornalistas sobre a Índia rural e membro sênior do Instituto Tricontinental, traçou o impacto das crises das políticas neoliberais e da catástrofe climática que são impostas simultaneamente aos agricultores da Índia. Ele documenta o trabalho da Kudumbashree, uma cooperativa formada por 4,5 milhões de mulheres agricultoras em Kerala, que ele chama de “o maior programa de justiça de gênero e redução da pobreza do mundo” (e sobre o qual publicaremos um estudo mais longo nos próximos meses, compilado pelo TRS).

6. *Policlínica do povo: A iniciativa do Movimento Comunista Telugu* (dossiê n. 25, fevereiro de 2020). Nas

regiões de língua telugu da Índia (que abrangem mais de 84 milhões de pessoas), os médicos filiados ao movimento comunista criaram clínicas e hospitais – principalmente a Nellore People’s Polyclinic – para oferecer atendimento médico à classe trabalhadora e aos camponeses. Além de oferecerem atendimento, as policlínicas também treinaram profissionais da área médica para tratar de problemas de saúde pública em áreas rurais e cidades pequenas. Este dossiê oferece uma janela para o trabalho da equipe médica de esquerda, cujos esforços ocorrem fora dos holofotes, e para os experimentos na área de saúde pública que buscam minar a agenda da privatização.



7. Cem anos do movimento comunista na Índia (dossiê n. 32, setembro de 2020). Pouco tempo depois que a Revolução de Outubro colocou o Império Czarista de joelhos em 1917, um jornal liberal de Bombaim observou: “O fato é que o bolchevismo não é uma invenção de Lenin ou de qualquer outro homem. É o produto inexorável do sistema econômico que condena milhões de pessoas a uma vida de trabalho mal pago para que alguns milhares possam se deleitar no luxo”. Em outras palavras, o movimento comunista é o produto das limitações e dos fracassos do capitalismo. Em 17 de outubro de 1920, o Partido Comunista da Índia foi formado juntamente com grupos comunistas dispersos que estavam surgindo em diferentes partes da Índia. Nesse breve texto, a equipe da TRS documenta o papel do movimento comunista na Índia no século passado.

8. A revolta dos agricultores na Índia (dossiê n. 41, junho de 2021). Entre 1995 e 2014, quase 300 mil agricultores cometeram suicídio na Índia – aproximadamente um agricultor a cada 30 minutos. Isso se deve, em grande parte, aos altos preços dos insumos e a desvalorização de suas colheitas, uma realidade que foi exacerbada pelas políticas agrícolas neoliberais desde 1991 e a amplificação de outras crises, como a catástrofe

climática. Na última década, entretanto, os agricultores reagiram com grandes mobilizações em todo o país, lideradas por uma série de organizações, como sindicatos de agricultores e trabalhadores agrícolas de esquerda. Quando o governo apresentou três projetos de lei em 2020 para aprofundar a privatização da Índia rural, os agricultores, trabalhadores agrícolas e suas famílias iniciaram um protesto em massa. Esse dossiê é um dos melhores resumos das questões que estão no centro desses protestos.

9. *Mulheres indianas e o árduo caminho para a igualdade* (dossiê n. 45, outubro de 2021). O patriarcado, com suas raízes profundas na economia e na cultura, não pode ser derrotado por decreto. Diante dessa realidade, este dossiê oferece um vislumbre do movimento das mulheres indianas pela igualdade e mapeia a gama de lutas travadas pelas mulheres trabalhadoras em todo o país para defender a democracia, manter o secularismo, lutar pelos direitos econômicos das mulheres e derrotar a violência. O dossiê termina com a seguinte avaliação: “O movimento contínuo dos agricultores indianos, que começou antes da pandemia e continua forte, oferece a oportunidade de direcionar o discurso nacional para essa agenda. A enorme participação das mulheres rurais, que viajaram de diversos estados para se revezarem durante dias nas fronteiras da capital nacional, foi um fenômeno histórico. Sua presença no movimento dos agricultores oferece esperança para o movimento de mulheres em um futuro pós-pandêmico”.

10. *A usina siderúrgica do povo e a luta contra a privatização em Visakhapatnam* (dossiê n. 55, agosto de 2022). Um dos meus textos favoritos produzidos pela equipe do TRS é esse dossiê que conta a história dos trabalhadores da Rashtriya Ispat Nigam Limited, que lutaram contra as tentativas do governo de privatizar essa empresa siderúrgica pública. Não se escreve muito sobre essa luta liderada por corajosos trabalhadores siderúrgicos que, na maioria das vezes, são esquecidos ou, se lembrados, são difamados. Eles ficam ao lado dos fornos, laminando e temperando o aço, movidos pelo desejo de construir canais melhores para os fazendeiros, construir vigas para escolas e hospitais e construir a infraestrutura para que suas comunidades possam transcender os dilemas da humanidade. Se você tentar privatizar a fábrica, eles cantam: “A cidade de Visakha se transformará em uma fornalha de aço, North Andhra em um campo de batalha (...) Defenderemos nosso aço com nossas vidas”.

11. *Pesquisa militante: Como a Associação Democrática de Toda a Índia constrói conhecimento para mudar o mundo* (dossiê n. 58, novembro de 2022). O dossiê sobre a Visakha Steel foi elaborado em conversas com trabalhadores do setor siderúrgico e refletia a metodologia em evolução da TRS. Para aprimorar esse método, a equipe se reuniu com R. Chandra para discutir como a Associação Democrática de Toda a Índia (AIDWA) usou a “pesquisa ativista” no estado de Tamil Nadu. Chandra mostra como a AIDWA elaborou pesquisas, treinou a militância para conduzi-las entre as populações locais e as formou para avaliar os resultados. “Os membros da AIDWA não precisam mais de um professor para ajudá-los”, disse ela ao TRS. Eles formulam suas próprias perguntas e realizam seus próprios estudos de campo quando abordam um assunto. “Por conhecerem o valor dos estudos, essas mulheres se tornaram uma parte importante do trabalho local da AIDWA, trazendo essa pesquisa para as campanhas da organização, discutindo os resultados em nossos diversos comitês e apresentando-os em nossas diferentes conferências”. Essa pesquisa ativista não apenas produz conhecimento sobre as particularidades das hierarquias que operam em um determinado local, mas também treina as militantes para se tornarem “**novas intelectuais**” de suas lutas e lideranças em suas comunidades.

12. *A condição da classe trabalhadora indiana* (dossiê n. 64, maio de 2023). Nos primeiros dias da pandemia, o governo indiano disse a milhões de trabalhadores que voltassem para suas casas, principalmente nas áreas rurais. Muitos deles caminharam milhares de quilômetros sob o sol escaldante, com histórias terríveis de

morte e desespero seguindo sua caravana. Esse dossiê surgiu de um interesse de longo prazo em catalogar a situação dos trabalhadores da Índia, cuja precariedade foi revelada nos primeiros dias da pandemia. A última seção do dossiê reflete sobre suas lutas: “A luta de classes não é invenção dos sindicatos ou dos trabalhadores. É um fato da vida do trabalho no sistema capitalista. (...) Em agosto de 1992, trabalhadores têxteis de Bombaim saíram às ruas em roupas íntimas, declarando que a nova ordem os deixaria em extrema pobreza. Seu gesto simbólico continua refletindo a realidade atual dos trabalhadores indianos no século XXI: eles não se renderam diante do crescente poder do capital. Eles permanecem vivos para a luta de classes.



Os investigadores da Polícia de Délhi que levaram o material do escritório do TRS têm em mãos cada um desses 12 dossiês. Recomendo que eles os imprimam e os compartilhem com o restante da força, inclusive com o Comissário de Polícia Sanjay Arora. Se a Polícia de Délhi estiver interessada, eu ficaria feliz em desenvolver um seminário sobre nossos materiais para eles.

O estudo e a luta moldaram o movimento pela liberdade na Índia. Gandhi, por exemplo, lia vorazmente e até traduziu *A Apologia*, de Platão, para o gujarati, com base na crença de que a leitura e o estudo aguçavam seu senso de como lutar e de como construir um mundo melhor.

Cordialmente,

Vijay.

